



Afonso Henrique

Ermesinde, 1948

Desde tenra idade contactou com artistas espanhóis de Bilbao, S. Sebastian, Italianos Milanenses, devido a enfermidades consecutivas de um acidente físico. Também visitou oficinas em Viana do Castelo, Montemor-o-Novo, Barcelos e Setúbal onde terminou, em 1961, o périplo por vários hospitais.

A sua imobilidade levou-o à construção de formas em diversos materiais, como também à aprendizagem das cores e tons.

Daí, completando o então ciclo Preparatório na escola Ramalho Ortigão, Porto, frequentou a escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis, Porto no curso de pintura, com a classificação de 16 valores. Dois anos depois, feita a secção preparatória à escola superior de Belas Artes, no Porto em 1966, faz o exame de admissão a esta faculdade, com nota de 14 valores.

A sua paixão pelas formas levou-o a trabalhar em múltiplas atividades artísticas. No período de 1966 a 1970, colaborou na fábrica de Massarelos como decorador cerâmico. Trabalhou como vitrinista das melhores marcas da altura do comércio portuense. Foi contactado por uma empresa japonesa para modelar “mãos” e “cabeças” de manequins expositores, para produtos de beleza.

Colaborou com colegas pintores e arquitetos na decoração de cafés, bares, restaurantes, salões de chá, discotecas e hotéis, geralmente na grande área da cidade do Porto. Exemplos: Café “Astronauta”, Porto, café “Clássico”, Porto, salão de chá “Brasileira”, Porto, Bar U.P.F Farmácia, Porto Discoteca “Bateau”, Foz, Porto, restaurante “Diana”, Póvoa do Varzim, café “Lua Nova” – Porto Hotel Esposende Etc. Concluiu o curso geral de pintura com 13 valores e o curso superior de escultura desta mesma escola superior de Belas Artes, com 16 valores.

Foi nos dois últimos anos Bolseiro da Gulbenkian de 1969 a 1971. Neste ano concorre para professor de desenho e modelação cerâmica para a escola Comercial e Industrial de Aveiro. Deslocou-se então para Aveiro, onde reside desde 1972, logo se apaixonou pelas artes do fogo.

Colaborou como designer e escultor em várias fábricas cerâmicas artísticas. Faianças de S. Roque, Aleluia, Artibus e Vista Alegre, etc., em Aveiro.

Foi no grés que viu a base da pasta para a sua exploração na vida escultórica.

Desde 1971 e durante 40 anos foi professor de EV, em vários estabelecimentos de ensino. Em 1972 foi convidado para professor de artes plásticas no conservatório regional de Aveiro Calouste Gulbenkian, iniciando também a criação dos cursos livres de Belas Artes de pintura, posteriormente convidou como colaborador o Dr. Vasco Branco, para a montagem dos cursos de modelação, pintura cerâmica. Cursos que funcionaram de 1973 até 1979.

Nestes cursos conheceu várias pessoas participantes nas atividades pictóricas/escultóricas, tendo montado oficina na rua Hintze Ribeiro, em Aveiro. Foi o seu segundo Ateliê. Em colaboração com outros artistas animalistas onde fundou a olaria “Alavário”.

Nos anos seguintes, de 1974 organizou a exposição “25 de Abril na Arte” (ver catálogo de participação) edição de medalha de sua auditoria. Em 1975 foi convidado a professor de visual e estética no então magistério primário de Aveiro, em regime de requisição estatal até 1979.

Frequentou o curso de “Artes de fogo”. Universidade de Aveiro regente o professor Dr. David Cristo neste ano de 1979. Devido à fecunda produção artística, trasladou o seu Ateliê para a zona industrial de Aveiro, onde de 1982 a 1999, explorou técnicas diversas do cozimento cerâmico. Raku, grés salgado, mas foi no grés químico que explorou e produziu as suas obras, o que aliás ainda hoje faz.

Para dar resposta a desafios técnicos relacionados com a produção de peças cerâmicas e toda a panóplia de existência concluiu o curso de engenharia cerâmica em 1984, na universidade de Aveiro, com distinção.

Devido à fluência e procura de artefactos da região de Aveiro, organizou a I Feira de artesanato de Aveiro – FARAV, no ano de 1976.

Este evento percorreu com sucesso até ao ano de 1986, ano que deixou de participar, por considerar já não haver condições de qualidade para com o artesanato da região Aveirense.

Paralelamente em 1977, devido ao sucesso de FARAV iniciou a criação da então cooperativa de artesão “A Barrica”. Hoje, a associação, que ainda perdura e que é o fundador. Devido à sua característica humanista de retratar em escultura cerâmica os usos e costumes e as figuras típicas da etnografia Aveirense, foi convidado a criar várias figuras típicas da região de Aveiro. Esta obra resume-se a 4 esculturas colocadas no centro da cidade de Aveiro. Obra incompleta uma vez que, o projeto previa mais 14 peças em tamanho natural que iriam ser implantadas ao longo do canal central.

Em 1999, dedicou-se mais à criação e estudo das formas cerâmicas desta região, deixando a cerâmica “o Buraco”, continuou a expor fora de Portugal sobretudo em Espanha.

Não deixando a parte tradicional da cerâmica artesanal, cuja loja personalizada existe na parte central de Aveiro, e outro Ateliê, este mais de indole artístico, na casa de campo no concelho de Santo Tirso.

Concluiu a alguns meses, a obra para a exposição dos “40 anos de ceramista”, cuja exposição está em preparação, manifestando o interesse que esta “instalação” se inicie em Aveiro terra que tanto ama.